



LISBOA PERTO E LONGE

A Lisboa de Rogério Mourtada é o resultado de um olhar que ganha distância para melhor ver, pleno de lirismo, de um falso realismo, que encontra na recusa da exacta descrição a sua verosimilhança. As paisagens urbanas apresentadas não existem, os telhados e campanários estão recolocados numa geografia inventada, mais verdadeira que o real, que confere a cada peça um valor metafórico - traços perenes de uma cidade que tem um caráter, que a nós lisboetas muitas vezes escapa, porque transparente. Atente-se nas grades de ferro forjado dos varandins, quase só sugeridas, nos pomos irrequietos das clarreiras de pedra ou solitários e imóveis nos beira. O artista refaz para nós uma cidade poética, um casario em cascata, ornado de floreiras e plantas luxuriantes, palmeiras que temperam o bafo quente do sol de verão e deixam à vista a luminosidade inconfundível de Lisboa.

António Melo
Conselho Cultural do ISPA

INCLUIDOS PARA A EXCLUSÃO: UM OLHAR PARA HISTÓRIA

O castigo e o silenciamento foram estratégias absolutamente comuns na instituição da escravidão e são elas, a meu ver, que impediram que, por tanto tempo, também a historiografia e o pensamento em geral "optasssem" por não ver... Os olhos da época, como os de Debret e de uma série de outros estrangeiros (penso mais especificamente nos oitocentistas), viam através de suas lentes europeias e iluministas, e mesmo românticas, como Rugendas ou Harro-Harring, mais combativos mas, ainda assim, prisioneiros do lugar de onde falavam e experimentavam o mundo. Os olhos da posteridade, mesmo após o final da escravidão institucionalizada, demoraram a se abrir para entender e desvelar essa pungente realidade: a de que os pregos na madeira jamais desaparecerão, ou seja, os traços construídos pelas experiências do domínio do homem pelo homem, em condições absolutamente desiguais, deixam marcas indeléveis!

Valéria Alves Esteves Lima
Historiadora

ISPA - INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
Rua Jardim do Tabaco, 34
1149 - 041 Lisboa
T. 218 811 700
info@ispa.pt | www.ispa.pt



O IMAGINÁRIO POÉTICO DE ROGÉRIO MOURTADA

A presente mostra de desenhos e gravuras de Rogério Mourtada é uma sinopse significativa de sua produção realizada nos últimos anos. O artista, aguçado por sua natureza como observador sensível das "coisas" e "da vida", tem uma característica peculiar em ligar e construir o seu mundo expressivo e espontâneo. Suas obras mostram situações visuais que, aparentemente, abrangem aspectos diferentes e até mesmo antagônicos do nosso mundo, reinterpretando-os com essência poética. Valoriza a natureza, cenas do cotidiano, a arte e sutilmente denuncia injustiças e desigualdades do contexto social.

Rogério é um artista com senso estético apurado, tanto ao representar formas mais perceptíveis, como nas gravuras, quanto na descontração e simplificação das formas, como no desenho "Dois cavalos" da série "Procissão", que chega a soar um minimalismo profundo, parecendo construir com poucos elementos a síntese de uma representação inicial.

O artista parece coadunar o "ar" de uma obra de Malevich com a persistência de Picasso, em que vale mencionar a fixação desse último pelo touro, criando obras numa tauromaquia genial. Mourtada enfoca o rinoceronte, mamífero atualmente ameaçado de extinção e que fora eternizado por Dürer, em 1515, como um verdadeiro ícone da ciência e da arte. Rogério dissecou o rinoceronte e o reconstrói com seu pulso energético, enaltecedo o esbelto animal. A série Rinos nos contagia pela elegância.

Somente esse breve enfoque sobre o artista e sua

obra já seria suficiente para perceber que Rogério Mourtada não é um artista preocupado em seguir esquemas condicionantes e determinantes de alguma suposta elite crítica em voga. A sua marca como artista é registrada pela sua personalidade e caráter que o faz criar com grandes propriedades ao articular imagens e compor esteticamente.

É importante registrar que há interligação de suas obras, quer sejam avulsas e distintas, quer sejam temáticas e seriais. Essa interligação ocorre pelo seu modo de trabalhar, de traçar linhas e compor o espaço bidimensional com o claro e escuro, pelo seu foco de análise visual das cenas criadas e retratadas. Homenageia artistas como Tarsila e Guignard, valoriza a cultura popular ao reinterpretar cenas, aprecia a simplicidade e a natureza, assim como fez ao interpretar Lisboa e sua paisagem.

Certamente o seu convívio em Portugal, onde reside atualmente, encantou ainda mais o seu repertório expressivo que com linhas sutis transmite o singelo e o frescor das cenas portuguesas.

O artista está intimamente ligado com gente que vive, trabalha e prima por justiça. A série "Incluídos pela Exclusão" tem um forte teor de denúncia, como um brado a favor da justiça e igualdade para todos.

No contexto do modo de trabalhar com as matrizes em gesso, o artista ao usar a cor escura de fundo constrói um mundo imagético de fácil identificação, como uma marca sua de criação. Um dos mais recentes trabalhos do artista foi o "Casal na Estação da Luz", local em São Paulo por onde passa toda a sorte de transeuntes. Creio que esta obra é uma das mais

expoentes em sua carreira e representa muito bem a sua primazia e talento artístico.

Tecnicamente impecável no seu contexto de gravura, que difere do tradicional, o artista coloca no casal todo o seio de uma representação, sugerido pelo título. Assim como na "vida", a obra não somente representa o que parece e sim o que emaná. A Estação da Luz é um marco da cidade de São Paulo. As linhas férreas que traçavam os caminhos por locais distantes tinham a Estação da Luz como sua passagem constante. Por ali chegavam os imigrantes que vinham ao Brasil de vários lugares e países. Ir ou passar por São Paulo era inevitável, era uma tentativa de alçar novos rumos e esperanças de um futuro promissor.

Hoje a Estação da Luz, embora esteja em seu entorno aliada com a maior conexão metrô-ferroviária da América do Sul, cuja estimativa seja de cerca de 300 mil pessoas que passam por ali diariamente, mostra sem dúvida um suposto progresso degradado, com muitas pessoas sem moradia, maltrapilhos, prostituição e viciados, juntando com o corre-corre dos trabalhadores e da multidão.

O casal proposto pelo artista mostra a princípio a construção técnica entre claros e escuros, duas pessoas que se contracenam e coadjuvam. São figuras retratadas em sua palidez, como vultos, assim como a representação de Cristo no Santo Sudário. As figuras não precisam de nitidez, representam o "humano", a condição de ser "pessoa" e "cidadão". Elas se consubstanciam no sofrimento, com segredos e silêncio em torno do amor ao próximo, mesmo diante de uma desesperança.

É do "amor" e "compaixão" que o artista fala alto. É sobre a desigualdade social, não importando se representa um pai ou uma mãe, um padre ou uma freira, mas o "humano" que existe em nós, a chama de viver na condição de ser um agente na sociedade e no mundo. O casal exprime o silêncio de ver calado e não ter como agir, de se sentir incapaz de gerar alguma mudança profícua diante da estupidez do ser humano. Não se trata de consentimento ou aceitação, mas de "amor" e de "auxílio" ao próximo. Não se trata de religião ou ceita, mas de algo existente na condição de "ser" e "estar", de "viver". Esta obra reflete o estado de espírito da sociedade atual. É um chamamento à percepção de nosso mundo, à tomar consciência do que fizemos e fazemos. Trata-se de apontar a solidão na metrópole.

Rogério Mourtada é poético. Mostra, numa construção hábil de linhas e contornos, a poesia visual de lugares e cenas. De modo eficaz apresenta a "simplicidade", a "beleza da natureza", os encantos da cultura popular, da arte e dos artistas. Noutra vertente criativa o artista denuncia a incivilidade humana, enfocando sobre a condição dos "excluídos" na sociedade.

Conhecer e perceber o encanto das obras do artista é saber ver a interligação dos opostos, a relação da beleza e da crueldade em busca do equilíbrio da condição humana para um melhor viver e estar no mundo.

Prof. Dr. Paulo Cheida Sans

Professor da Faculdade de Artes Visuais da PUC-Campinas
Diretor Curador do Museu Olho Latino, Atibaia, SP - Brasil

INCLUIDOS PELA EXCLUSÃO

Parte de uma experiência singular de gravura em gesso, material pobre, que se revelou rico de possibilidades



PROCISSÃO

Documenta o ritual popular de uma procissão equestre no nordeste brasileiro, levada ao extremo mais abstrato do simples traço



LISBOA PERTO E LONGE

Testemunho da estadia em Lisboa do artista, da nova paisagem urbana, dos materiais e dos adornos



DIÁLOGOS COM A ARTE POPULAR

A memória da mitologia popular reaviva-se no imaginário estético



RINOS

Elogio do belo animal, em vias de extinção, que Dürer tornou ícone da ciência e da arte



INCLUIDOS PELA EXCLUSÃO: UM OLHAR PARA A HISTÓRIA

Nova incursão na representação dos explorados, num jogo visual que exige a "boa distância"

